

DE TABU A FILOTETES: FERENCZI E O MOVIMENTO PSICANALÍTICO.

Daniel Migliani Vitorello¹
Daniel Kupermann²

RESUMO

O objetivo do artigo é discutir as razões pelas quais a obra de Ferenczi foi objeto de um grande ostracismo e provocou uma resistência massiva e persistente por parte da comunidade analítica. Através da controvérsia entre Freud e Ferenczi, pode-se perceber que, enquanto Freud criou o princípio de abstinência e seus correlatos como neutralidade e frieza, Ferenczi, por sua vez, não temia se misturar com os seus pacientes de modo a privilegiar a relação e o princípio de relaxamento. Ocorre que, a partir daí, Ferenczi não deixou de tocar nas principais proibições erguidas por Freud como tabu e, por isso mesmo, transformou-se para a comunidade analítica em um tabu que deveria ser evitado. No entanto, pode-se perceber que, como Filotetes, injustamente tratado pelos companheiros, Ferenczi se tornou, atualmente, um clínico imprescindível à sociedade analítica que o desprezou e que agora tem que retomá-lo devido as suas contribuições para a teoria e para a clínica atual.

Palavras-chave: Sándor Ferenczi; Sigmund Freud; Neutralidade; Hipocrisia profissional; História da psicanálise.

ABSTRACT

This article aims to discuss the reasons why the work of Ferenczi was the subject of a great ostracism and caused a massive and persistent resistance from the analytic community. Through the controversy between Sigmund Freud and Sándor Ferenczi, one can see that while Freud created the principle of abstinence and its correlates, as neutrality and coldness, Ferenczi, in his turn, was not afraid to relating with their patients in order to favor relationship and the principle of relaxation. It happens that, from there, Ferenczi touched the mains prohibitions raised by Freud as taboo and, therefore, he became a taboo, which should be avoided, to the analytical community. However, one can see that like Filotetes, unfairly treated by peers, Ferenczi became nowadays a clinical indispensable to analytic society that once despised him and now has to take him back because of his contributions to the theory and to the current clinical practice.

Keywords: Sándor Ferenczi; Sigmund Freud; Neutrality; Professional hypocrisy; History of psychoanalysis.

RESUMEN

El objetivo de este artículo es discutir las razones por las cuales el trabajo de Ferenczi fue objeto de un gran ostracismo y causó una resistencia masiva y persistente de la comunidad analítica. Por medio de la controversia entre Sigmund Freud y Sándor Ferenczi, uno puede ver que mientras que Freud creó el principio de abstinencia y sus relacionados, como la neutralidad y frialdad, Ferenczi, a su vez, no tenía miedo a mezclarse con sus pacientes con el fin de favorecer la relación y el principio de relajación. Sucede que, a partir de entonces, Ferenczi no dejó de tocar las principales prohibiciones planteadas por Freud como

1.- Doutor em Psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo. Estado de São Paulo. Brasil.

2.- Docente. Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo. Estado de São Paulo. Brasil

un tabú y, por lo tanto, se convirtió en un tabú para la comunidad analítica. Sin embargo, se puede observar que, como Filoctetes, tratado injustamente por sus compañeros, Ferenczi se convirtió en la actualidad en un clínico imprescindible para la sociedad analítica que lo despreció y ahora tiene que retomarlo de nuevo debido a sus contribuciones a la teoría y la clínica actual.

Palabras clave: Sándor Ferenczi; Sigmund Freud; Neutralidad; Hipocresía profesional; Historia del psicoanálisis.

A CONTROVÉRSIA FREUD-FERENCZI

No dia 28 de março de 1908, em uma conferência intitulada *As neuroses à luz do ensino de Freud e da psicanálise* (Ferenczi, 1908/2011a), Ferenczi se disse culpado por ter negligenciado, por tanto tempo, as investigações freudianas sobre as neuroses, uma vez que esses trabalhos já eram de seu conhecimento desde 1893. Ocorreu que, por volta de dois meses antes de sua conferência, Ferenczi, a seu pedido, havia se encontrado com Freud. Segundo Balint (2011), este ficou aparentemente impressionado com Ferenczi e o convidou para apresentar um trabalho no I Congresso de Psicanálise em Salzburgo. Como se pode perceber, Ferenczi não ficou menos indiferente, a ponto de sua conferência seguinte já trazer o nome de Freud. A partir daí se constituiu uma relação intensa que perdurou até a morte de Ferenczi, em 1933. Relação marcada por importantes acontecimentos que influenciaram os rumos do movimento psicanalítico, de modo a ser retomada pelos mais diversos autores. No entanto, a obra de Ferenczi foi objeto de um grande ostracismo e provocou uma resistência massiva e persistente por parte da comunidade analítica, o que não significa que tenha deixado de produzir importantes influências nos rumos da prática, da teoria e da formação do psicanalista.

Ferenczi se tornaria, em pouco tempo, o discípulo mais próximo de Freud, em uma comunhão íntima de vida, de sentimentos e de interesses. Por exemplo, em 1909, Freud foi convidado por Stanley Hall, presidente da *Clark University*, a realizar uma série de conferências por ocasião do vigésimo aniversário daquela universidade. Jung também foi convidado pela universidade e Freud, por sua vez, convidou Ferenczi. Os três viajaram juntos. Durante a viagem, os companheiros analisavam os sonhos um dos outros. Jung (1966) relata que, ao tentar analisar um sonho de Freud, pediu detalhes sobre sua vida particular. Este último lhe respondeu não poder arriscar assim sua autoridade. Autoridade denunciada por Jung e que foi um dos entraves que levaram ao rompimento precoce dessa relação. Ferenczi viria a ocupar, assim, o lugar daquele que seria um herdeiro de Freud: o querido filho. Segundo André (1995), Ferenczi recebeu esse título “a partir de 17 de novembro de 1911, momento em que a discórdia com Jung tornou-se explícita” (p. 65). No final daquele mesmo ano, Ferenczi publicou *Transferência e introjeção* (Ferenczi, 1909/2011b). Para Bokanowski (2000), esse texto pode ser considerado um verdadeiro “golpe de mestre. [...] A partir daí, o discípulo está em vias de, por sua vez, tornar-se mestre” (p. 48). Para Lacan (1958/1998), por exemplo, tal texto é genuíno no que se refere à problemática do ser do analista e sua ação.

Devido ao atrito e à iminente ruptura na relação de Freud e Jung -então presidente da *International Psychoanalytical Association* (IPA)- criou-se, em meados de 1912, alguns impasses e ameaças para o movimento psicanalítico. Ferenczi pensou que “o plano ideal seria o de um número de pessoas plenamente analisadas por Freud, em pessoa, localizar-se em diferentes centros e países” (Jones, 1979, p. 494). Como tal possibilidade não se verificou aplicável, Jones propôs a criação de um pequeno grupo de analistas que mereceriam a confiança e que “funcionassem como uma espécie de ‘Velha Guarda’ ao redor de Freud” (p. 494): o pai, o mestre criador. Criou-se, dessa forma, o que ficou conhecido, a princípio a partir de uma idealização de Ferenczi, como o Comitê Secreto.

Ferenczi também estabeleceu uma “breve análise” com Freud. Uma primeira em outubro de 1914 e uma segunda em 1916, durante o mês de junho. Como não poderia deixar de ser, essa análise marcou profundamente Ferenczi, de modo a vir reorientar sua concepção sobre a prática clínica. Concepção que inclusive serviria para ele questionar determinados princípios na própria direção do tratamento freudiano. Mais ainda, essa análise viria a ser o pivô de críticas endereçadas à Freud, uma vez que este não teria analisado a transferência negativa do seu “paladino” e “grão-vizir” não mais tão “secreto” assim. Para Ferenczi (1932/1990), sua análise não foi levada a termo devido à posição subjetiva do seu analista. Assim, e dentre outras coisas, um dos impasses que Ferenczi (1933/2011c) irá colocar em cena é a pseudoneutralidade

do analista -que muitas vezes se convertia naquilo que ele chamou de “hipocrisia profissional” (p. 113)- sustentada, sobretudo, pelo princípio de abstinência.

No entanto, essas críticas foram precedidas pela própria exacerbação desse princípio através da criação, por parte de Ferenczi, da técnica ativa. A partir de 1918, Ferenczi iniciou, então, uma longa série de trabalhos sobre a técnica psicanalítica, nos quais relata, primeiramente, suas experiências de atividade. Dessa forma, aquele ano foi também marcado pelas inovações técnicas que ele vai formular para responder às diversas questões que os limites do tratamento clássico lhe colocavam a respeito de determinados pacientes.

Freud estava de acordo com a técnica ativa e elogiou seu pupilo com o texto *Linhas de progresso na Terapia Psicanalítica* (Freud, 1919/1996a), reivindicando, inclusive, como aponta Dupont (2011), a paternidade da ideia, uma vez que esta tinha como ponto de partida o princípio de abstinência. Dada a estagnação das associações e, portanto, o esgotamento e a esterilização do trabalho analítico, essa técnica é um conjunto de procedimentos que induzem o analisante a ser mais ativo a fim de tornar novamente o trabalho de análise fecundo. Nota-se que, para essa finalidade, o psicanalista deixa de ser simplesmente passivo e sua participação atuante implica, também do lado do paciente, uma atividade. Através de injunções ou mesmo de proibições, o paciente é levado pelo analista a fazer ou a renunciar a algo. Em termos metapsicológicos, tratou-se de tocar na esfera da economia pulsional.

A ideia de Ferenczi era que, em alguns casos, a pulsão encontrava refúgio e satisfações substitutas alhures, impedindo, assim, seu investimento no trabalho analítico. Através da técnica ativa, esperou-se produzir uma renúncia às satisfações substitutas, de modo a provocar um aumento de tensão na economia pulsional que, por sua vez, encontraria destino novamente pela via simbólica das associações. Dito de outra forma, tratou-se de produzir um giro na pulsão e desviá-la dos seus investimentos sintomáticos para seu investimento analítico. Após ter aplicado essa técnica em uma de suas pacientes, Ferenczi (1920/2011d) anunciou: “O resultado foi o seguinte: um novo material mnêmico tornou--se acessível e o curso da análise foi manifestamente acelerado” (p. 120). Por outro lado, ele também foi percebendo os efeitos colaterais de sua técnica -exacerbação da posição masoquista de alguns pacientes, reeditando traumas anteriores e tendo o analista, nesse momento, como um agressor- o que o levou a abandoná-la e a consolidar, a partir da revisão desse procedimento, outras posições para o analista com seus pacientes.

Em 1922, Ferenczi apresentou duas conferências em Viena, e nesse mesmo ano endereçou uma carta para Groddeck:

O Prof. Freud tomou uma ou duas horas para se ocupar de meu estado; ele se atém à sua opinião anteriormente expressa, a saber, que o elemento principal em mim seria meu ódio em relação a ele, [...]. E, por isso, minhas intenções assassinas em relação a ele, que se expressam por cenas de óbitos noturnos (resfriamento, últimos suspiros). [...] Devo confessar que me fez bem poder, por uma vez, falar destes movimentos de ódio face ao pai tão amado (Ferenczi, citado por Bokanowski, 2000, p. 29).

Assim, já era explícita uma transferência negativa que se escondia através da benevolência para com Freud. No final de 1923, Ferenczi publicou *Perspectivas da psicanálise* (Ferenczi, 1923/2011e). O referido livro anuncia novos horizontes para a prática clínica. Tomando como ponto de partida o texto de Freud *Recordar, repetir e elaborar* (1914/1996b), o autor atribuiu à compulsão à repetição o papel principal na técnica psicanalítica, criticando inclusive a “ultrapassada rememoração” (p. 248) e seu correlato: o “fanatismo da interpretação” (p. 248). Uma vez que é absolutamente inevitável que os pacientes repitam fragmentos inacessíveis sob a forma de rememoração, o analista, por sua vez, não pode fazer outra coisa senão considerá-los como uma forma de manifestação e verdadeiro material inconsciente.

Nesse período, Freud já havia escrito *Além do princípio de prazer* (Freud, 1920/1996c), no qual também retomou os objetivos e as mudanças pela qual a técnica psicanalítica vinha passando. A diferença entre Ferenczi e Freud é que este defendia, tanto quanto possível, favorecer o canal da memória e permitir que surgisse como repetição, apenas o mínimo possível, enquanto aquele ressaltava a necessidade de favorecer, na relação analítica e tanto quanto possível, a repetição.

Segundo Jones (1979), Freud aceitou, de princípio, “essa conclusão como uma correção de sua atitude e técnicas anteriores” (p. 619), comentando inclusive com Ferenczi que havia sido conquistado pelo livro. Mas, à medida que o tempo passava, tinha o livro em uma menor valia, chegando a dizer que ele não era sincero, pois ocultava as ideias sobre o trauma de nascimento de Rank e a técnica ativa de Ferenczi. No entanto, seriam apenas esses temas ocultos que *Perspectivas da psicanálise* (Ferenczi, 1923/2011e) portava, a ponto de desempenhar um papel importante nessa história, já que marca o início de uma divergência que só aumentaria? Como aponta Jones (1979), 1924 é o ano em que começam a aparecer as primeiras divergências entre Freud e Ferenczi, principalmente a partir do texto em questão. Por sua vez, Schneider (1993), ao falar da relação entre Freud e Ferenczi, diz: “É a propósito do papel da vivência (*Erlebnis*) no tratamento analítico, tema de um texto conjunto de Ferenczi e Otto Rank escrito em 1924, que as posições começam a se afastar” (p. 39). Mas, acompanhando as querelas dos acontecimentos, parece que não eram apenas aqueles temas ocultos que desagradaram a Freud. Vejamos um trecho extraído da citada obra para levantarmos outra possibilidade não menos oculta:

O *narcisismo do analista* parece apropriado para criar uma fonte de erros muito abundante, na medida em que suscita, por vezes, uma espécie de *contratransferência* narcísica que leva os analisandos a realçar as coisas que lisonjeiam o médico e, outras vezes, a reprimir os comentários e as associações pouco favoráveis que lhe dizem respeito. Essas duas atitudes são tecnicamente errôneas; a primeira, porque pode produzir nos pacientes melhoras cujo único objetivo é seduzir o analista e obter, em troca, a sua simpatia libidinal, e a segunda, porque desvia o analista de uma tarefa técnica, aquela que consiste em descobrir os sinais de crítica, já fracos e em geral tímidos, e porque o impede também de levar o paciente a exprimir-se ou a ab-reagir abertamente (Ferenczi, 1923/2011e, p. 256-257, grifos no original).

Implícito ou não, esse trecho não aborda a relação analítica de Freud e Ferenczi, uma vez que aborda exatamente a crítica que se tornará manifesta e endereçada à Freud nos anos 1930? Como mostrou a carta de Ferenczi para Groddeck, esse tema já era explicitado pelos dois. Portanto, poderia o descobridor do inconsciente, e dono das orelhas mais famosas de nossa época, não ter escutado a crítica implícita nesse trecho? O caráter perturbador do motor da análise começava novamente a bater à porta de Freud, levantando agora novos questionamentos para o seu manejo: o narcisismo do analista implicado na contratransferência. Dois termos -contratransferência narcísica- que para a época podia soar como uma figura de linguagem, mas que doravante estarão na pena de Ferenczi e que, através de seus desdobramentos revelarão, inclusive, impasses para a posição subjetiva do analista e sua formação.

No ano de 1927, atento às controvérsias da análise leiga, Ferenczi expôs no X Congresso em Innsbruck (Áustria) *O problema do fim de análise* (1928/2011f). Nesse texto, para além de outras preciosidades acerca do final de análise, o autor suprime as diferenças entre análise didática e terapêutica, além de aproximar o final de análise à formação do analista. No ano de 1928, Ferenczi apresentou na sociedade Húngara de Psicanálise, a reflexão *Elasticidade da técnica psicanalítica: novas abordagens contratransferenciais* (Ferenczi, 1928/2011g). Monumento da psicanálise, esse texto pode ser abordado como um verdadeiro divisor de águas, uma vez que marca uma virada no próprio pensamento ferencziano, introduz uma inovação para o posicionamento do analista, além de apontar a maioria de Ferenczi na sua emancipação de Freud que já se esboçava desde 1924. Para fins didáticos, inicia-se um período que vai até 1932, quando ele proporá outras concepções para a prática do analista.

Com relação à técnica ativa, a elasticidade propõe uma mudança de perspectiva inversa. Trata-se, para o analista, de se colocar na situação de “sentir dentro” (*Einfühlung*) o paciente através do “tato psicológico”. Centrado agora na qualidade da relação analítica, ele postulou a técnica do analista como uma tira elástica em contraposição a uma postura excessivamente rígida e neutra, sendo que aquela -a elasticidade- seria o efeito da sua análise terminada. Disse ele: “o resultado ideal de uma análise terminada é, pois, precisamente, essa elasticidade que a técnica exige também do psiquiatra”, elevando assim a análise do analista à “segunda regra fundamental da psicanálise” (p. 40). Dessa forma, Ferenczi esboçou, inclusive, o *telos* ou o que se espera de uma análise, no seu final, para um futuro analista: o tato psicológico.

O que está em jogo é que a falta de uma análise terminada leva a remanescentes não resolvidos da equação pessoal do analista -como, por exemplo, seu narcisismo, sua onipotência e sua onisciência- e, portanto, à falta de tato psicológico. Em seu conjunto, pode-se dizer que essa nova postura tem como fim causar uma impressão de bondade no analisando, já que o analista pode ceder às tendências do paciente. No entanto, as inovações técnicas de Ferenczi precisam ser entendidas a partir do seu complemento indispensável: a teoria metapsicológica da “traumatogênese” (Ferenczi, 1930/2011h, p. 75), à qual ele recorreu para pensar e responder às dificuldades impostas por suas experiências clínicas. Dificuldades ligadas, sobretudo, a determinados tipos de transferências que produziam impasses para a psicanálise clássica. Disse Ferenczi (1930/2011h): “[...] a acumulação de casos de exceção leva-me a formular um princípio até então não postulado, embora tacitamente admitido, o princípio de *laissez-faire* que cumpre admitir, com frequência, a par do princípio de frustração” (p. 68). Ele, mais uma vez, iniciou uma crítica sobre a unilateralidade e os excessos, na maioria das vezes inúteis, do princípio de abstinência, propondo uma ênfase no que também se pode nomear de princípio de relaxamento.

Essa mudança, por sua vez, não é gratuita, mas se sustenta na direção que as pesquisas clínicas de Ferenczi foram tomando a partir desse momento. *Princípio de relaxamento e neocatarse* foi o nome escolhido para designar sua nova concepção de prática e seu novo modelo metapsicológico. Modelo baseado, principalmente, na retomada da problemática do trauma, já que este era menos a consequência de uma hipersensibilidade da criança do que de um tratamento inadequado do entorno. Dentro desse pressuposto, tornou-se não somente favorável, mas necessária, uma atmosfera psicológica adequada que também privilegiasse o princípio de relaxamento e a benevolência. Ferenczi sustentou assim a importância de uma atmosfera mais terna e indulgente. Essa atmosfera permitiria a não repetição das condições que estiveram na base da constituição da patologia propriamente dita: o trauma, o abandono e, sobretudo, o desmentido em jogo. Doravante, estas ideias não deixaram de encontrar resistência por parte de Freud e da comunidade psicanalítica. Ideias que selaram o destino de Ferenczi na história da psicanálise.

Atormentado pelos limites do tratamento padrão que se esboçavam na comunidade analítica através de fórmulas como “a resistência do paciente é insuperável” ou “o narcisismo não permite aprofundar mais este caso” (Ferenczi, 1931/2011c, p. 81), Ferenczi foi levado, como já sublinhamos, e especialmente sobre os casos considerados difíceis, a rever esses impasses a partir do modelo clássico de análise, no qual o paciente deveria se adequar aos princípios técnicos do analista. Perguntou ele: “a causa do fracasso será sempre a resistência do paciente, não será antes *o nosso próprio conforto que desdenha adaptar-se às particularidades da pessoa, no plano do método?*” (p. 81, grifos nossos). Ou seja, não seria a resistência do analista que impediria o avanço dos chamados casos estancados? É como se Ferenczi dissesse algo parecido com isso: psicanalista, não procure o autor da resistência, esse autor é você mesmo. Não existe outra resistência para além do que você faz ou do que você sofre, ambas vêm de ti.

Foi nesse sentido que, mais uma vez, Ferenczi defendeu a adoção do princípio de relaxamento em contraponto à inépcia que a técnica sustentada unicamente pelo princípio da abstinência vinha demonstrando. A postura de “expectativa fria e muda, assim como a ausência de reação do analista, pareciam então, com frequência, agir no sentido de uma perturbação da liberdade de associação” (p. 82). Aos olhos de Ferenczi, a regra fundamental da psicanálise -associação livre- vinha sendo descaracterizada devido a essa reserva fria e neutra como único paradigma para a posição do analista. Nesse sentido, o relaxamento tinha por princípio restituir uma liberdade mais profunda, verdadeiramente livre e espontânea no espaço analítico.

Nesse contexto, Freud escreveu para Ferenczi: “Lamento observar que o senhor se encaminha em várias direções que não me parecem levar a qualquer objetivo desejável. Mas, como o senhor sabe, sempre respeitei sua independência e me contento em esperar até que o senhor volte atrás” (Jones, 1979, p. 724). Por sua vez, Ferenczi não mudaria suas convicções.

Em 1932 Max Eitingon, então presidente da IPA, sofreu uma pequena trombose cerebral. Convalescente, decidiu não buscar a reeleição como presidente. Todos tinham como certo que Ferenczi o substituiria, apesar da tensão que aumentava em sua relação com Freud. Segundo Jones (1979), Ferenczi levantou dúvidas quanto a sua adequação para o cargo e disse estar muito concentrado em suas pesquisas. Acompanhando as correspondências trocadas na época entre Freud e Ferenczi, podemos supor as querelas que subjaziam em torno

de sua suposta presidência. Freud via nessa possibilidade uma forma de arrancar Ferenczi do seu isolamento, em uma espécie de cura forçada. Ferenczi, por sua vez, tomou isso como uma ofensa. No fim de agosto, ele anunciou sua decisão de não se candidatar à presidência, “alegando que suas últimas ideias estavam tão em conflito com os princípios aceitos da psicanálise que não seria digno para ele representar estes últimos em uma função oficial” (Jones, 1979, p. 723). Essa decisão, para Freud, não podia anunciar outra coisa senão a criação de uma nova espécie de psicanálise. Ferenczi, então, voltou atrás e somente resolveu decidir sua candidatura após sua visita à Freud. Nessa visita pediu ao amigo que lesse um artigo recém-escrito. Tratava-se de *Confusão de língua entre os adultos e a criança: a linguagem da ternura e da paixão* (Ferenczi 1933/2001i).

Nesse encontro, segundo Jones (1979), Freud teria pedido para Ferenczi não publicar o artigo, pelo menos pelo período de um ano. Segundo Bokanowski (2000), Freud teria dito, um pouco mais que isso, a saber, que não o publicasse até que Ferenczi voltasse atrás nas posições expressadas. Seja como for, após chegar a Budapeste, Ferenczi escreveu para Freud demonstrando sua irritação ante a sugestão. Freud se defendeu dizendo que tal sugestão foi para preservar o amigo, na esperança que ele pudesse rever e corrigir sua técnica e suas conclusões.

Em Wiesbaden, local do XII Congresso Internacional de Psicanálise, surgiu uma questão complicada. Freud insistiu na sua censura e pediu que Ferenczi não lesse publicamente o artigo. Jones (1979), pelo menos na sua versão, entendeu que seria “ofensivo dizer ao mais eminente membro da Associação, e seu verdadeiro fundador, que o que tinha a dizer não merecia ser ouvido” (p. 725), de modo que seu conselho foi acatado e finalmente Ferenczi leu o artigo.

Atento às manifestações dos pacientes que o acusavam de ser insensível, frio e duro, Ferenczi, apesar da boa vontade consciente, observou, pouco a pouco, que os pacientes percebiam “com muita sutileza os desejos, as tendências, os humores, as simpatias e antipatias do analista, mesmo quando este está inteiramente inconsciente disso” (Ferenczi, 1933/2011i, p. 113). Ocorre que os pacientes caem, pela transferência, numa extrema submissão, dada a incapacidade ou o medo de desagradar ao analista com suas críticas. Ferenczi interpretou que grande parte dessas críticas recalcadas se devia a dois fatores. Primeiro ao fator da resistência do analista, o que remete ao problema da análise dos analistas que, segundo ele, eram menos analisados que os próprios pacientes. Em segundo lugar, ao fator das tendências do analista e da denegação das suas emoções e intenções que se dissimulam por trás do que ele chamou de “hipocrisia profissional”. Em meio às aparências de analistas, lá estava Ferenczi denunciando a hipocrisia deles. O interessante foi ele associar esse estado de coisas com a reprodução do que outrora fez o paciente adoecer: a hipocrisia ou, se quisermos, o desmentido dos adultos perante suas próprias intenções afetivas para com a criança.

Ferenczi (1930/2011h), como já anunciara, vinha atribuindo importância ao trauma em oposição às fantasias ou “mentiras históricas” (p. 73). Para se explicar melhor, lançou mão, dentre outras coisas, de uma cena que se desenrolaria, mais ou menos, da seguinte forma: na relação entre um adulto e uma criança, as brincadeiras, em algum momento, podem assumir uma forma erótica que a criança conserva no âmbito da ternura, enquanto que o adulto pode ir além e se deixar arrastar por verdadeiras práticas sexuais. Num primeiro momento, a criança repugna tal tentativa, mas, perante um medo intenso, ela se emudece e se submete automaticamente à vontade do agressor. Dessa forma, a criança, ainda fracamente desenvolvida psiquicamente, reage ao desprazer não pela defesa, mas pela identificação com o agressor, de modo a introjetar seu sentimento de culpa e se tornar então dividida: ao mesmo tempo inocente e culpada. De um modo geral, a criança recorre a uma segunda pessoa -a mãe, por exemplo- que desmente o ocorrido. O trauma se constitui e se torna -principalmente pelo abandono ao qual a criança é remetida- patogênico. A consequência é uma criança traumatizada, ocorrendo uma clivagem da personalidade na qual, uma parte sensível, encontra-se destruída, enquanto a outra parte, segundo Ferenczi (1931/2011c), sabe tudo, mas não sente nada.

Nesse contexto, Ferenczi já vinha redigindo seu diário clínico, cujo interesse avançou, portanto, pelo traumatismo e seu estatuto metapsicológico. Recorreu, ainda, a uma última tentativa, a controversa análise mútua, que ainda choca os analistas. Em 22 de maio de 1933, Ferenczi morreu.

UM TOQUE SEM LUVAS

Como em uma espécie de romance com seus personagens, cenários e historicidades, ou ainda, como uma espécie de conteúdo manifesto do sonho, esta é uma primeira aproximação da relação entre Freud e Ferenczi. Mas também como um romance ou um sonho, entendemos que essa narrativa, para além das suas máscaras e fachadas, carrega também uma estrutura de metáfora. Ou seja, diz o que está dito, inclusive pela versão oficial dos “fatos”, mas também diz outra coisa. É nessa outra coisa, ou se quisermos, nessa “Outra cena” que se alojam algumas questões que nos interessam mais de perto, já que ela pode portar o “verdadeiro” arquiteto da obra.

Embora a personagem Ferenczi seja uma referência indispensável na história da psicanálise, sua teoria ficou, por muito tempo, reprimida. A demora na publicação das suas obras demonstra isso. Na França, por exemplo, mais de 30 anos se passaram desde a sua morte até a publicação dos seus textos. Seu *Diário clínico* (Ferenczi, 1932/1990) precisou esperar 37 anos. No Brasil, suas obras foram publicadas somente em 1992. Diversos mecanismos de defesa se ergueram dentro do próprio movimento psicanalítico contra as ideias do *enfant terrible*. Seus colegas, principalmente seus contemporâneos, escolheram insistir nos seus déficits e nas suas supostas ingenuidades ao invés de reconhecer seu trabalho notável como clínico. Suas inovações foram interpretadas e vistas sugerindo que ele fosse psicótico, haja vista, por exemplo, o perverso ataque que Jones (1979) fez à sua sanidade mental.

De qualquer forma, o reprimido retorna e atualmente vem se tornando uma referência para os avanços psicanalíticos, sobretudo para alguns quadros da prática clínica. Mesmo assim, algumas perguntas se colocam: Qual seria a razão da tentativa de sepultar as ideias do mestre de Budapeste? Por que Ferenczi perturbou e se tornou uma espécie de tabu para o movimento psicanalítico? Dada a variedade de possibilidades e circunstâncias que marcam esse caso, diversas hipóteses foram levantadas. Quanto a nós, gostaríamos também de produzir uma versão. Para isso, retomaremos agora a criação do Comitê Secreto. Grupo que, como recorda Roustang (1987), o próprio Freud chamava de “horda selvagem”, o que nos convida a lê-lo nos termos de *Totem e Tabu* (Freud, 1913/1996d).

Como já apontamos, foi Ferenczi quem primeiramente idealizou esse pequeno grupo que deveria ser analisado pessoalmente por Freud, o que significa que este não deixou de ocupar o lugar da exceção, o de “chefe insubstituível de quem se adota o pensamento e a quem se reconhece como mestre” (Roustang, 1987, p. 29). Em uma palavra, no lugar de Pai. Nessa mesma linha de raciocínio, Schneider (1993), em seu trabalho *Trauma e filiação em Freud e em Ferenczi*, entende que o paradigma da filiação em Freud remete a uma teoria da identificação, que funciona como um pivô para conceber a transmissão psicanalítica de geração em geração e verticalmente. A autora lembra a definição da identificação dada por Freud em *O ego e o Id* (1923/1996e), no qual funciona concomitantemente como uma injunção e uma proibição. Trata-se, ao mesmo tempo, do imperativo: “‘Você *deveria* ser assim (como o seu pai)’”, e da proibição: “‘Você *não pode* ser assim (como o seu pai), isto é, você não pode fazer tudo o que ele faz; certas coisas são prerrogativas dele’” (Freud, 1923/1996e, p. 47, grifos do autor).

Essa teoria marca “um único modelo, o modelo do pai, e é frente a esse modelo do pai que se erigem um sinal positivo e um sinal negativo” (Schneider, 1993, p. 32). O lado positivo marca um processo de transmissão que enfatiza o lado da continuidade e da reiteração identitária, já o lado negativo determina que só o pai tem o direito de ser o modelo de todos. Conceber dessa forma a transmissão da herança teórica é também reforçar o caráter imortal do pai revestido de mestre. No entanto, como preservar o pai da ameaça de assassinato, haja vista, como lembra Schneider (1993), que para Freud nenhum pai morre de morte natural? “Seria preciso embalsamá-lo, mumificá-lo de alguma maneira, permitindo que se conserve de maneira indefinida através das gerações. Na instituição, todo um conjunto de forças vai promover a transmissão integral dessa herança do pai” (p. 33). Ainda segundo a autora, nos estudos que Freud faz sobre os processos psíquicos, “o próprio vocabulário deixa pressentir a importância do tema da filiação: o inconsciente produz *abkömmlinge* (‘rejetons’, literalmente descendentes), o que o coloca [Freud] como ancestral originador de vastas linhagens” (p. 33).

Ora, Wundt, citado por Freud (1913/1996d), escreve que “o animal totêmico é também geralmente considerado o animal ancestral do grupo em questão. ‘Totem’ é, por um lado, um nome de grupo e, por outro um nome indicativo de ancestralidade” (p. 114). E nessa mesma linha de raciocínio, e se apoiando em

Frazer, Freud diz que “os membros de clã totêmico chamam-se a si mesmo pelo nome do totem e *geralmente acreditam serem realmente descendentes dele*” (p. 112, grifos no original), como, por exemplo, freudianos. Nesse sentido, comparando as análises de Freud sobre a Igreja e o Exército em *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* (Freud, 1921/1996f), *Totem e Tabu* (Freud, 1913/1996bd) e o projeto da constituição de uma sociedade de psicanálise exposto em *A história do movimento psicanalítico* (Freud, 1914/1996g), constata-se uma curiosa relação: o pai como o elemento que corporifica a comunidade e que é o verdadeiro objeto de idealização de homens e mulheres como descendentes que são de um ancestral em comum. Sendo assim, cremos poder estabelecer uma analogia entre esse lugar que ele ocupa na “horda psicanalítica” com um totem. O próprio Freud (1913/1996d) nos revela que o totem nada mais é que um representante do Pai. Mas, para além do totem, essa palavra convoca outra: tabu.

Freud, em uma carta endereçada à Ferenczi, queixa-se dos efeitos que suas recomendações técnicas produziram nos analistas. Pontua ele: “Tudo aquilo de positivo que alguém deveria fazer deixei ao tato, o resultado foi que os analistas obedientes não perceberam a elasticidade das regras que propus e se submeteram a elas como se fossem tabus” (Freud citado por Figueiredo, 2008, p. 16). Portanto, à guisa de hipótese, encontramos nessa carta uma pista que pode nos ajudar a encontrar um suposto tabu na Psicanálise.

Partindo da etimologia da palavra, ao mesmo tempo como algo sagrado, impuro e proibido, Freud (1913/1996d) postula que os tabus se expressam principalmente em proibições. “O tabu é uma proibição primeva forçadamente imposta (por alguma autoridade) de fora” (p. 51) contra atividades para as quais haveria forte inclinação. Em outro trabalho, Freud (1918/1996h) afirma que um tabu se institui quando se teme algum perigo. Freud publicou, entre 1911 e 1915, uma série de textos dedicados à produção de algumas “recomendações” sobre a técnica psicanalítica e, lendo tais textos, pode-se sustentar que a maioria das recomendações estava pautada na tentativa de manter a neutralidade do analista.

Na mesma carta, Freud confessa que as recomendações sobre a técnica eram “essencialmente de natureza negativa” (p. 16), cujas diretrizes giravam em torno de proibições. Ou seja, nesses textos, o procedimento foi proibir ou coibir certas condutas entre analistas e analisantes. E, como uma espécie de posição oficial para se referir à posição do analista, se ergueu o princípio de abstinência e seus correlatos: neutralidade e frieza.

É verdade, como afirma Figueiredo (2008), que os artigos de Freud passaram a vigorar e serem lidos como uma espécie de “cartilha ortodoxante” (p. 45) e a responsabilidade por esse desvio recaí sobre o leitor. Mas, de todo modo, a técnica psicanalítica tornou-se realmente um tabu. E se, como vimos, um tabu se ergue contra os anseios a que se estão expostos, no caso da técnica, quais seriam aqueles aos quais os psicanalistas, em sua atividade, estariam à mercê e que, portanto, deveriam ser controlados? O que Freud temia? Para Freud (1905/1996i), uma parte do sucesso do trabalho analítico dependia do princípio de abstinência. Ao contrário de Breuer, Freud não temeu e, portanto, não recuou perante as intempéries da transferência amorosa, mas, ao mesmo tempo, criou diversos artifícios para neutralizá-la. Ou seja, pode-se sustentar que os objetivos desse princípio, para além de barrar as satisfações substitutas na transferência como compensação de gozo e entrave para o desejo, também servia para controlar a contratransferência que deveria ser sobrepujada. Assim, o modelo *princeps* da abstinência e seus correlatos para além de uma estratégia, também negaram a espontaneidade do trabalho analítico, demonizaram os processos subjetivos do analista e romperam, independentemente da relação transferencial em jogo, com qualquer tipo de afeto. Trata-se do verdadeiro baile de máscaras em que se converteu a cena analítica, provocando uma espécie de dança enganosa.

Ferenczi, por outro lado, adotou uma postura oposta à do analista neutro, frio e regido pelo princípio de abstinência, o que lhe permitiu deixar, nas palavras de Schneider (1993), “cair a divisão, teimosamente defendida por Freud, entre analistas e pacientes” (p. 39). Onde Freud erguia a todo o tempo “cercas e proteções” para se defender da contratransferência, Ferenczi comemorava “a derrubada das fronteiras” (p. 39) e não temia se misturar com os seus pacientes. Dessa forma, Ferenczi (1933/2011i) denunciou, sobretudo em termos de “hipocrisia profissional” (p. 113), a artificialidade e a iatrogenia que a pseudoneutralidade e assepsia do psicanalista produziam na cena analítica. Portanto, ao criticar e questionar os analistas e o próprio Freud pela contratransferência narcísica e posição marcada exclusivamente pelo princípio de abstinência, e propor o princípio de relaxamento, Ferenczi tocou, em um só tempo, nas bases das principais

proibições erguidas por Freud como tabu. Por isso, transformou-se, também, ele próprio para a comunidade analítica, em um tabu. Mais ainda, talvez Ferenczi tenha tocado, e sem luvas, no âmago da questão que subjaz e sustenta todas essas proibições. Algo que os psicanalistas não podem suportar e que julgamos ser um impasse, ainda nos dias de hoje: a irreduzível tensão entre a posição ou a função do analista e tudo o que ele presentifica, isto é, o seu ser. O que, para Ferenczi, deveria assumir, após o percurso da análise do analista, o aspecto de uma ligação intrínseca.

A partir de suas pesquisas, pontua Freud (1913/1996d): “Sabemos também que qualquer um que viole um tabu pela entrada em contato com algo que seja tabu se torna tabu ele próprio” (p. 45). E continua:

Qualquer um que tenha violado um tabu torna-se tabu porque possui a perigosa qualidade de tentar os outros a seguir-lhe o exemplo: por que se lhe deve permitir fazer o que é proibido a outros? Assim, ele é verdadeiramente contagioso naquilo em que todo exemplo incentiva a imitação e, por esse motivo, ele próprio deve ser evitado (Freud, 1913/1916d, p. 49).

Entendemos que isso pode, de certa forma, lançar algumas luzes sobre o ostracismo e as fortes resistências que as ideias de Ferenczi encontraram, e encontram ainda, na comunidade analítica. Ou seja, Ferenczi violou um tabu e por isso deve ser evitado. Também se torna claro porque a violação de certas proibições tabus constitui um perigo para a comunidade e deve ser punida ou expiada pelos membros. Por exemplo, além de lançar dúvidas sobre a sanidade de Ferenczi, Jones (1979) concebe que a necessidade extraordinária de amor paterno e transparência por parte dele, o levou a introduzir desafortunadas alterações em sua técnica psicanalítica. André (1995) chega a chamar Ferenczi de perverso. Por sua vez, Soler (1998) sugere que Ferenczi era um verdadeiro enfermeiro da falta-a-ser. Ou seja, esses breves exemplos não ilustram a evitação e a vingança, devido ao medo do contágio que se liga a quem violou um tabu? Trata-se, portanto, de um Ferenczi tabu porque tocou exatamente no tabu psicanalítico e, por isso, foi considerado uma ameaça potencialmente produtora de desvios. E dada à possibilidade de contaminação, deve permanecer à margem. Dito de outro modo, Ferenczi, enquanto tabu – impuro porque tocou no tabu –, constitui um perigo que “reside no risco da imitação, que rapidamente levaria à dissolução da comunidade. Se a violação não fosse vingada pelos outros membros, eles se dariam conta de desejar agir da mesma maneira que o transgressor” (Freud, 1913/1996d, p. 50). Nesses termos, e agora não mais a guisa de hipótese, cremos poder arriscar que Ferenczi foi excluído exatamente por ser uma ameaça à suposta pureza psicanalítica.

No entanto, é a presença do impuro formado pessoalmente pela doutrina freudiana que denunciou qualquer ideal de pureza em termos de prática clínica. Para Ferenczi, as figuras do analista e do analisante foram se transformando, pouco a pouco, na do professor e do aluno, mestre e discípulo. Mais ainda, as dificuldades sentidas através da sua análise, da sua clínica e com seus pares, levaram-no a supor que os efeitos iatrogênicos de uma análise -tutelada principalmente pela excessiva rigidez das regras técnicas e pelo dogmatismo analítico- não ocorriam pela simples resistência do paciente. Mas, sobretudo, pelo lugar do analista identificado com um “substituto paterno” (Freud, 1937/1996j) e por seus processos psíquicos, somando, portanto, as maiores fontes de resistência. A partir daí, Ferenczi privilegiou a qualidade da relação.

HERANÇA E ATUALIDADE DE FERENCZI

Birman (2009) entende essa virada como um ato analítico e uma reinvenção da retórica psicanalítica. Com seus novos pressupostos, Ferenczi teria produzido um conjunto de técnicas em ressonância com os avanços teóricos da década de 1920. Ou seja, uma técnica relativa à formalização da segunda tópica. No lugar de uma posição de escuta e espera, passividade e neutralidade, a posição do analista deveria assumir outros lugares de modo a incidir na economia pulsional e “na situação psíquica atual, a fim de que” o recalco e o passado pudessem “ser efetivamente experimentados” (Ferenczi, 1923/2011e, p. 254). Ou seja, uma posição que não mais sobreviesse unicamente no campo da representação psíquica. Para Ferenczi (1912/2011j), paciente e analista não podiam alcançar um verdadeiro convencimento “somente por meio do conhecimento lógico”, pois “é preciso ter vivido afetivamente as coisas e tê-las experimentado no próprio corpo” (p. 213). Dessa forma, Birman (2009) entende que Ferenczi anuncia sua filiação teórica à última metapsicologia freudiana, pois, sem os conceitos “compulsão à repetição” e “pulsão de morte”, a nova

retórica ferencziana seria impossível. Bokanowski (2002) chega a propor dois tipos de prática clínica: “uma, a de Freud, ‘clássica’” e outra “menos ‘ortodoxa’” (p. 24). Nessa mesma linha, Borgogno (2004) sustenta que Ferenczi introduziu uma “práxis inovadora e indício de futura mudança de paradigma” (p. 157).

Assim, a controvérsia Freud-Ferenczi incorporou ao movimento psicanalítico um paradoxo teórico-prático que se mostra, ainda hoje, herdado por nós. É nesse sentido que podemos afirmar, no início deste texto, que Ferenczi influenciou os rumos da prática, da teoria e da formação psicanalítica, a ponto de Cottet (2004) chegar a propor que para além de questionar, Ferenczi divide, ainda hoje, a comunidade analítica.

A mudança promovida por Ferenczi originou uma linhagem teórico-clínica tomada pelo Grupo Independente da Sociedade Britânica de Psicanálise (*Middle Group*). Borgogno (2004) entende Ferenczi como o “natural e verdadeiro fundador” (p. 155) desse grupo, tornando evidente a sua influência no pensamento, por exemplo, de Winnicott e obviamente de Michael Balint: seu paciente, aluno e discípulo. Ao tomar o texto de 1928 *A adaptação da família à criança*, Boukobza (2009) sustenta que Ferenczi sempre se interessou pela influência do meio familiar sobre o indivíduo, tema que estará 25 anos mais tarde na letra de Winnicott. O elo perdido entre Ferenczi e Winnicott, continua o autor, tem um nome: Michael Balint. Assim, Winnicott teria, através de Balint, conhecido bem mais das ideias ferenczianas do que ele poderia reconhecer. Borgogno (2004), por sua vez, entende que Ferenczi pré-anuncia a diferença entre necessidades de sobrevivência e de reconhecimento, de um lado, e desejos pulsionais, de outro, a partir dos quais Balint e Winnicott desenvolverão suas reflexões distinguindo-as entre patologia neurótica clássica e patologia *borderline*--psicótica. Por fim, Benhaim (2009), ao tomar Ferenczi como pioneiro na importância da presença do Outro nas impressões psíquicas deixadas no bebê, entende que Winnicott retoma de Ferenczi a questão do ambiente desprovido de tato nas hipóteses sobre o universo infantil e em certa prática dos *borderlines*. A autora lembra, ainda, que Ferenczi já havia salientado a importância de uma transferência maternal.

Por vias não tão aparentes, Boukobza (2009) pressupõe que as originalidades das concepções de Ferenczi trouxeram avanços principalmente para a articulação entre o inconsciente do adulto – sobretudo dos pais – e o da criança. Ao tomar os textos *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte* (Ferenczi, 1929/2011i) e *Confusão de língua entre os adultos e a criança* (Ferenczi, 1933/2011i) como referência, e para além de um quadro de abuso sexual, o autor sustenta uma aproximação com a noção de desejo do Outro como constituinte da fantasia infantil. Ou seja, perante a paixão do Outro, a criança se pergunta: “Onde eu estou no seu desejo?” Trata-se, portanto, de uma nítida aproximação com o pensamento de Lacan. Da mesma forma, Sabourin (2011) já havia dito que Ferenczi antecipa a concepção lacaniana do desejo como desejo do Outro. Ocariz (2003) e Birman (2009) apontaram a relação entre a técnica ativa e a concepção de ato analítico cunhado por Lacan. Podemos relacionar ainda, a famosa frase de Lacan (1958/1998) que diz não haver outra resistência na análise que não a do analista, com as concepções de Ferenczi (1933/2011i), que foi o primeiro a denunciar tal evento. Diz Ferenczi: “é aí que nos defrontamos com resistências não desprezíveis, não as do paciente, mas as nossas próprias resistências” (p. 113). O próprio final de análise como condição para a formação do analista e o conceito de desejo do analista que, segundo Nasio (1999), veio dar uma sequência ao problema levantado por Ferenczi acerca da metapsicologia do analista.

De tabu, Ferenczi, como uma espécie de Filotetes, é reincorporado e passa a ser considerado, pelo menos para uma vertente, como o fundador da psicanálise contemporânea, mesmo que alguns não tenham podido reconhecê-lo ou citá-lo tanto quanto podiam ou gostariam. Filotetes é um herói grego originário da Tessália, filho de Peante e de Demonassa. Segundo o mito, foram-lhe confiados o arco e as flechas de Hércules. Chefiava um contingente de sete naus com 50 arqueiros, mas não chegou à Tróia com os outros chefes, pois durante a escala em Tenedo, foi mordido no pé por uma serpente, enquanto procedia a um sacrifício. A ferida infectou de tal modo que exalava um odor de putrefação insuportável. Devido a isso, Ulisses e os outros chefes abandonaram o ferido em Lemnos, onde permaneceu dez anos. A sorte dele, ou não, foi o adivinho Heleno o ter citado como condição para a destruição de Tróia, já que ele possuía o arco e as flechas. Esse herói, injustamente tratado pelos companheiros, tornou-se o homem exaltado pelos deuses, imprescindível à sociedade que o desprezou e que agora tem que procurá-lo. Procura-o, contudo, por necessidade e não para reparar a injustiça que lhe fora feita. Como Filotetes, injustamente tratado pelos companheiros, Ferenczi se

torna, atualmente, um clínico exaltado. Imprescindível à sociedade analítica que o desprezou e que agora tem que relê-lo, não para reparar a injustiça que lhe fizeram, mas por necessidade.

Ferenczi e Freud se tornam, portanto, as bases e as referências obrigatórias para o campo analítico, e, se assim o for, pesquisas e avanços na psicanálise não deixam de ser uma continuidade das ideias dos melhores amigos de Viena e Budapeste

REFERÊNCIAS

- André, S. (1995). *A impostura perversa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Balint, M. (2011). Prefácio do Dr. Michael Balint. In Sándor Ferenczi, *Psicanálise (Obras completas, Vol. 1, pp. VII-IX)*. São Paulo: Martins Fontes.
- Benhaïm, M. (2009). *Les mauvais garçons: l'adolescent et le trauma*. In J.-J. Gorog (Org.), *Ferenczi après Lacan (pp.65-74)*. Paris: Hermann.
- Birman, J. (2009). *La réinvention da La rethorique psychanalytique*. In J.-J. Gorog (Org.), *Ferenczi après Lacan (pp. 141-154)*. Paris: Hermann.
- Bokanowski, T. (2002). *A prática analítica*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bokanowski, T. (2000). *Sándor Ferenczi*. São Paulo: Via Lettera.
- Borgogno, F. (2004). *Psicanálise como percurso*. Rio de Janeiro: Imago.
- Boukobza, C. (2009). *Um enfant entre Freud et Ferenczi*. In J.-J. Gorog (Org.), *Ferenczi après Lacan (pp.75-86)*. Paris: Hermann.
- Cottet, S. (2004). *Uma sexta psicanálise de Freud: O caso Ferenczi*. In J. A. Miller, *Ornicar? (pp.68-79)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Dupont, J. (2011). *Introdução*. In Sándor Ferenczi, *Psicanálise (Obras completas, Vol. 3, pp. VII-XII)*. São Paulo: Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (2011i). *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte (Obras completas, Vol.4)*. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1929).
- Ferenczi, S. (2011c). *Análise de crianças com adultos (Obras Completas, Vol.4)*. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1931).
- Ferenczi, S. (2011a). *As neuroses à luz do ensino de Freud e da psicanálise (Obras completas, Vol.1)*. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1908).
- Ferenczi, S. (2011i). *Confusão de língua entre os adultos e a criança (Obras completas, Vol.4)*. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1933).
- Ferenczi, S. (1990). *Diário clínico*. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1932).
- Ferenczi, S. (2011g). *Elasticidade da técnica psicanalítica (Obras completas, Vol.4)*. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1928).
- Ferenczi, S. (2011e). *Perspectivas da psicanálise (Obras completas, Vol.3)*. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1923).
- Ferenczi, S. (2011f). *O problema do fim da análise (Obras completas, Vol.4)*. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1928).
- Ferenczi, S. (2011h). *Princípio de relaxamento e neocatarse (Obras completas, Vol.4)*. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1930).
- Ferenczi, S. (2011d). *Prolongamentos da “técnica ativa” em psicanálise (Obras completas, Vol.3)*. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1920).
- Ferenczi, S. (2011j). *Sintomas transitórios no decorrer de uma psicanálise (Obras completas, Vol.1)*. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1912).
- Ferenczi, S. (2011b). *Transferência e introjeção (Obras completas, Vol.1)*. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1909).
- Figueiredo, L. C. (2008). *Presença, implicação e reserva*. In L. C. Figueiredo, & N. E Coelho Junior, *Ética e técnica em psicanálise (2a ed., pp. 13-54)*. São Paulo: Escuta.
- Freud, S. (1996g). *A história do movimento psicanalítico (Edição standard brasileira das obras psicológicas*

- completas de Sigmund Freud, Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1914).
- Freud, S. (1996c). Além do princípio de prazer (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol.18). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1920).
- Freud, S. (1996j). Análise terminável e interminável (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol.23). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1937).
- Freud, S. (1996a). Linhas de progresso na terapia psicanalítica (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 17). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1919).
- Freud, S. (1996e). O ego e o Id. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1923).
- Freud, S. (1996h). O tabu da virgindade.(Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 11). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1918).
- Freud, S. (1996f). Psicologia de grupo e análise do ego (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1921).
- Freud, S. (1996b). Recordar, repetir e elaborar (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 12). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1914).
- Freud, S. (1996i). Sobre a psicoterapia (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 7). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1905).
- Freud, S. (1996d). Totem e tabu (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 13). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1913).
- Jones, E. (1979). Vida e obra de Sigmund Freud (3a ed.). Rio de Janeiro: Imago.
- Jung, C. G. (1966). Ma vie: Souvenirs, rêves et pensées. Paris: Gallimard
- Lacan, J. (1998). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In Escritos (Vera Ribeiro, Trad., pp. 591-652). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1958).
- Nasio, J-D. (1999). Como trabalha um analista? Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Ocariz, M. C. (2003). O sintoma e a clínica psicanalítica: O curável e o que não tem cura. São Paulo: Via Lettera.
- Roustang, F. (1987). Um destino tão funesto. (Jorge Bastos, Trad.). Rio de Janeiro: Taurus.
- Sabourin, P. (2011). Vizir secreto e cabeça de turco. In Sándor Ferenczi, Psicanálise (Obras completas, Vol. 4, pp. VII-XV). São Paulo: Martins Fontes.
- Schneider, M. (1993). Trauma e filiação em Freud e em Ferenczi. *Percurso*, 4(10), 31-39.
- Soler, C. (1998). A psicanálise na civilização. Rio de Janeiro: Contracapa.

Endereços para correspondência
Daniel Migliani Vitorello
danielvitorello@yahoo.com.br
Daniel Kupermann
danielkupermann@hotmail.com

Este artigo é fruto da tese de doutorado do autor, intitulada “Autenticidade: o psicanalista entre Ferenczi e Lacan”, orientada pelo coautor, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica. Universidade de São Paulo (USP), com apoio do CNPq.

Publicado em: Arquivos Brasileiros de Psicologia, 68 (3), pp. 17-31, Rio de Janeiro.

Volver a Artículos sobre Ferenczi
Volver a Newsletter-8